



HOMILIA

Domingo de Ramos 29-III-2026

Reverendíssimos Senhores Cónegos e demais Presbíteros, estimados Diáconos, esperançosos Seminaristas, queridos Consagrados e Consagradas, Sr. Provedor e demais Mesários da S.C.M. de Évora, caras Ordens, Confrarias e Irmandades presentes, queridas famílias, jovens, amigas crianças, minhas Irmãs e meus Irmãos.

1. O Domingo de Ramos é a inauguração da Páscoa na sua dupla face de Triunfo e de Morte de Crucificação e Ressurreição.

Jesus entra em Jerusalém montado num “burrinho”, como a gente humilde, não a cavalo como os príncipes, conquistadores e guerreiros; sai do “monte das Oliveiras”, não de um palácio, chega “em nome do Senhor” com “o reino” de justiça e de paz; seu caminho é atapetado com “ramos cortados no campo” como adorna o povo humilde de uma qualquer festa.

Assim, com a celebração do Domingo de Ramos na Paixão do Senhor damos início à Semana Santa onde somos convidados a fixar o nosso olhar na Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. A Semana Santa inicia e termina com um evangelho de festa, marcado pela alegria. Iniciamos a celebração deste Domingo com a proclamação do Evangelho que narra a entrada de Jesus em Jerusalém onde é aclamado com brados de alegria e de júbilo que ainda hoje repetimos na celebração da Eucaristia: «Hossana ao Filho de David! Bendito O que vem em nome do Senhor! Hossana nas alturas!» e na soleníssima noite de Páscoa haveremos de escutar o solene anúncio da Ressurreição gloriosa. Contudo, esta moldura de alegria e de festa encerra no seu interior a paixão e morte, o duro caminho da paixão que escutamos no Evangelho da missa.

Podemos até fazer a nossa oração a partir das palavras que Jesus proclama na cruz e que cantávamos no salmo: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonastes?». Alguns exegetas afirmam que uma tradução mais fiel deste versículo deveria ser: «Meu Deus, meu Deus, porque me fizeste chegar até aqui?». Na verdade, estas palavras podem muito bem ser o ecoar da nossa oração, em tantas circunstâncias que atravessamos, e quão bom seria se elas traduzissem a atitude de quem se coloca humildemente diante do mistério da dor e do sofrimento. Não temos respostas, nem fórmulas mágicas e instantâneas, mas temos a humilde confiança de quem se sabe amado por um Deus que não é indiferente às nossas dores e angústias e podemos proclamar como escutávamos na primeira leitura: «*o Senhor Deus veio em meu auxílio, e,*

por isso, não fiquei envergonhado; tornei o meu rosto duro como pedra, e sei que não ficarei desiludido».

2. O Messias da paixão de Mateus é o anunciado pelos profetas como servo sofredor. Jesus foi preso sem que ninguém o defenda, “entregado” à morte por Judas, sacerdotes e Pilatos. Pertence ao grupo dos “miseráveis” e é traiçoadado por todos. A paixão de Mateus é uma meditação sobre a humilhação de Cristo, servo sofredor e justo perseguido, segundo anunciaram os profetas.

Jesus entra em Jerusalém. Alguns abrem os olhos, movem-se, saem ao encontro, aclamam-no, reconhecem-no como Messias, reservam-lhe um acolhimento caloroso, deixam-se contagiar pelo entusiasmo. Será um triunfo modesto, reduzido; ainda que modesto é sempre triunfo.

De todos os modos, domina, no fundo desta Liturgia da Palavra o rosto trágico do “servo do Senhor” esboçado por Isaías: o rosto de alguém humilhado, desprezado, torturado da maneira mais vil, está disposto a dirigir uma palavra de esperança aos sofredores; a todos.

Retiro dos Sermões de Santo André de Creta, bispo (séc. VIII) o convite que vos dirigo a participardes na Semana Santa 2026 e cito: *«Vinde, subamos ao Monte das Oliveiras, ao encontro de Cristo que hoje regressa de Betânia e Se encaminha voluntariamente para a sua santa e venerável Paixão, a fim de realizar o mistério da salvação dos homens. Caminha o Senhor livremente para Jerusalém, Ele que desceu do Céu por causa de nós, prostrados no abismo, a fim de nos elevar consigo, como diz a Escritura, acima de todos os Principados, Potestades, Virtudes e Dominações, acima de todo o nome conhecido neste mundo e no futuro.*

O Senhor não vem com glória, fausto ou pompa. Ele não gritará nem clamará, diz a Escritura, nem se ouvirá a sua voz; mas será manso e humilde, e entrará com aparência modesta e vestes de pobreza».

Acompanhemos o Senhor, que corre apressadamente para a sua paixão; imitemos aqueles que foram ao seu encontro: para nos prostrarmos a seus pés com humildade e retidão de espírito, para acolhermos o Verbo que vem até nós e recebermos aquele Deus que lugar algum pode conter.

O nosso Deus não nos desilude e a confiança que depositamos nele há-de abrir-nos ao horizonte de alegria e de festa que a Páscoa do Senhor nos aponta. Se Jesus nos convida à alegria e à felicidade, à conversão e à santidade, também desce à dor e ao sofrimento para nos ensinar a arte de estar ali onde o amor se faz mais exigente. Jesus sobe até à cruz, abraça a dor e sofrimento, porque o amor é tanto mais verdadeiro, quanto mais se realiza em gestos concretos de compaixão e misericórdia. Entre os muitos deveres do amor está aquele primeiro de estar ali, precisamente ali, onde está o amado. Por isso, Jesus vai até ao sofrimento e à morte, porque Ele sabe bem que a nossa frágil humanidade atravessa caminhos de dor e de sofrimento. Contudo, também aprendemos com Jesus que a nossa dor e sofrimento se abrem à alegria pascal que a manhã de Páscoa nos há-de trazer.

3. Deixemo-nos acompanhar pela Mãe de Jesus e nossa Mãe, sempre presente em cada um dos momentos do Triduo Pascal. A Mãe do Cristo, Homem e Deus, todo presente na Eucaristia, instituída na Última Ceia, celebrada em Quinta Feira Santa. A Senhora do Sim, sempre disponível

ao Lava-Pés da vontade de Deus a realizar-se nas Bodas de Canaã de cada Ser Humano e de cada Família e de cada Jovem: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. A Senhora de Pé junto à Cruz e a Pietá com Seu filho, em seu colo maternal feito agora regaço não do seu lindo bebê, mas de um cadáver desfigurado e triturado pela brutalidade da dor, causada pela tortura até à morte por asfixia. A Senhora do silêncio do Túmulo vazio em Sábado Santo, ali onde a pedra de lousa espera ser rolada e brote a vida que a Esperança de alguns, poucos discípulos, anteviam e as Santas mulheres com Maria, aguardavam com a certeza da Fé. A Senhora da Consolação, que nas primeiras horas da Vigília Santa, certamente compartilhou as primícias do Sol nascente e crepuscular, misturado com o orvalho da madrugada, a feliz notícia da ressurreição, que não se silenciou até hoje, e chega à nossa geração.

Marquemos com letras de sangue são e Amor, de ouro, sol e vida a nossa agenda de prioridades incondicionais e com Maria de Nazaré participemos em todo o Tríduo Pascal, Quinta Feira Santa, Sexta Feira Santa, também com a centenária Procissão do Enterro do Senhor - do Calvário até à Misericórdia - na Cidade Histórica a celebrar nesta Basílica Metropolitana e Sé de Évora ou na Igreja da Misericórdia. Que o Sábado Santo nos faça convergir, todos, para esta Igreja Mãe, para celebrarmos o Lume Novo da Palavra de Deus, as fontes da Água-Viva do nosso Baptismo e a Eucaristia, alimento do Homem Novo, construtor de justiça, paz e amor. Seremos Páscoa, sementes e levedura que transforma no silêncio o coração do mundo, em mundo novo.

A todos convido: participemos neste Tríduo, porque por ser Sagrado é humanizante!